

LIVROS

Democracia liberal versus autoritarismo

A história do Brasil é contada ao longo de caminhos vincados pelo antiliberalismo. Por **Oscar Pilagallo**, para o Valor, de São Paulo

"Tribunos, Profetas e Sacerdotes"

Bolívar Lamounier. Editora: Companhia das Letras. 256 págs., R\$ 34,96

Às vésperas da sétima eleição presidencial desde a redemocratização de 1985, o sociólogo Bolívar Lamounier lançou um ensaio argumentando que a democracia brasileira padece de um "déficit de legitimidade".

Em vez de provocar estranheza, no entanto, a coincidência sublinha o que o cientista político entende por democracia. "Tribunos, Profetas e Sacerdotes" deixa claro que não se trata do simples cumprimento do calendário eleitoral. Para ele, a legitimidade do regime seria obtida pela absorção dos ideais do liberalismo — esse é o artigo que estaria em falta nas prateleiras da democracia brasileira.

Lamounier mostra como, ao longo da história do país, o antiliberalismo se instalou entre políticos e intelectuais. Foi via fascismo e marxismo, ideologias que têm em comum, entre outras características, o fato de serem "epistemológica e moralmente holistas" (por privilegiarem o todo, o grupo, em detrimento das partes, os indivíduos), "politicamente autoritárias" (pois divinizam o Estado, o líder e o partido) e "anti-institucionais" (por considerarem que as instituições da democracia liberal só têm relevância tática).

Que caminho fez a tradição antiliberal no Brasil? Lamounier não discorda da explicação corrente, de que tal ideologia é tributária do catolicismo e do absolutismo ibéricos que moldaram a colônia. Mas, por achar que essa herança é superestimada, prefere enfatizar fatores mais modernos, como o positivismo, que desde o final do século XIX influenciou muitos militares e o movimento republicano.

Em largas pinceladas, Lamounier conta a história do Brasil do século XX a partir do antagonismo entre essas ideias. Contra-

põe, por exemplo, o espírito liberal da Constituição de 1891 (sem entrar no mérito do caráter oligárquico da Primeira República) ao autoritarismo da Era Vargas. Em outro exemplo, sobre o interregno democrático entre 1946 e 1964, explora o choque entre as visões nacional-desenvolvimentista e o liberalismo da União Democrática Nacional (sem dar maior atenção ao golpismo do partido).

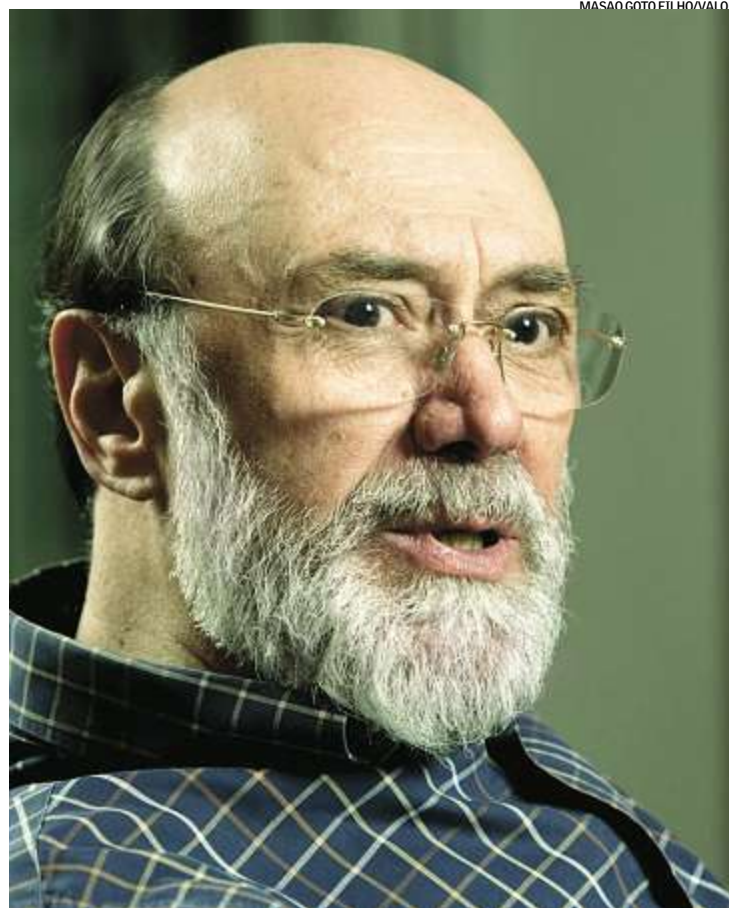
No campo das ideias, embora o autor cite outros intelectuais, o embate entre as duas tendências pode ser encapsulado na pregação antiliberal de Oliveira Vianna (1883-1951) e na visão liberal de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982).

Sobre Vianna, jurista que se tornou um dos ideólogos do Estado Novo, Lamounier se diz intrigado com a indulgência com que sua obra tem sido examinada. Cita, por exemplo, a opinião do cientista político Wanderley Guilherme dos Santos, para quem, com seu autoritarismo pragmático e transitório, "Oliveira Vianna buscou o nascente da democracia pelo poente de uma ditadura".

Quando a Buarque de Holanda, com quem Lamounier tem mais afinidade, é descrito como "fulgurante exceção" de um período marcado pela voga autoritária. Embora esperançoso, o autor de "Raízes do Brasil" seria, nos anos 30, um cético quanto ao efetivo enraizamento das instituições liberais no Brasil, país até então preso aos "grilhões do passado" que bloqueavam sua evolução econômica e política.

Para Lamounier, a tese de Buarque de Holanda continua pertinente. "Para aquilatar a validade desse diagnóstico, o ponto ideal parece-me ser o fenômeno do clientelismo, parente próximo do nepotismo, do filiotismo e do bacharelismo — de todo aquele conjunto de práticas, enfim, que imediatamente nos remetem de volta aos tempos da família extensa, do latifúndio e dos currais eleitorais."

O autor também situa o libe-



Lamounier: "Nunca houve democracia que nascesse pronta e acabada"

ralismo do Brasil em termos comparativos. Em que pese a tradição autoritária, aqui, segundo ele, não se teve uma história tão antiliberal quanto a da Rússia e da Alemanha, países onde floresceram o nazismo e o comunismo stalinista.

Na Rússia, "o feudalismo e os corpos estamentais não tiveram o papel descentralizador que os caracterizou na Europa Ocidental, onde favoreceram no longo prazo o desenvolvimento da democracia". A Alemanha é apresentada como "um caso quimicamente puro de antiliberalismo". No outro extremo, o Brasil também nunca foi tão liberal quanto os Estados Unidos, país cujo enriquecimento é explicado pelo caráter liberal de sua cultura e de seu sistema político.

Em "Tribunos, Profetas e Sacerdotes", Lamounier repensa a dicotomia entre democracia liberal e autoritarismo pela ótica dos intelectuais. De acordo com a taxonomia proposta no título, "tribunos" são os intelectuais com desejo de realizar a justiça em casos concretos; "profetas" são os portadores de uma mensagem de salvação, seja ela reformista ou revolucionária; e "sacerdotes" são aqueles que, em um partido, enunciam a "linha justa", coibindo desvios doutrinares.

Alguns desses personagens perambulam pela história do Brasil, espalhando "um sentimento no mínimo ambivalente em relação ao regime democrático representativo, por vezes até hostil a ele, que tipicamente se expressa na concepção da democracia como um bem 'dispensável', e não como um valor em si mesmo".

Para Lamounier, o Brasil não é exceção no continente. "Comum

em toda a América Latina, esse discurso refere-se à democracia política como um meio para algo mais valioso — presumivelmente, a concretização de algum paraíso social terreno."

Intelectual tucano, Bolívar Lamounier não deixa de dar alfinetadas nas lideranças petistas. Numa passagem, Lula é tratado como subserviente "diante dos lendários irmãos Castro". Em outra, as convicções democráticas de Dilma são colocadas em dúvida. São menções rápidas, não elaboradas, que destoam do tom do livro, mais reflexivo.

No conjunto, o sociólogo não dá espaço ao blogueiro, atividade a que também se dedica. Independentemente de suas simpatias partidárias, Lamounier levanta uma discussão que interessa a todos os que prezam a democracia. "Não há e nunca houve", diz ele, "democracia que nascesse pronta e acabada, igualitária no nível político e também no social e no econômico". Nem nos Estados Unidos, onde fincou raízes mais profundas, a democracia nasceu com essa característica.

Se assim é, pergunta o autor, "por que tendem tão fortemente os nossos povos a menosprezar um regime sem dúvida imperfeito, mas possível, e a sonhar com outro quicã admirável, mas que só existe no mundo das ideias?"

Sem dar uma resposta, Bolívar Lamounier sugere que Sérgio Buarque de Holanda sirva de inspiração aos que aceitem o desafio de esclarecer o que ele chama de "vezo utópico" dos que não acreditam, de verdade, na democracia liberal e representativa.

Oscar Pilagallo é jornalista e autor de "História da Imprensa Paulista" e "A Aventura do Dinheiro".

Biblioteca



"O Mito do Governo Grátis"
Paulo Rabello de Castro. Editora: Edições de Janeiro. 511 págs., R\$ 55,00

Em epígrafe, o autor cita Raul Seixas, que proclamava, em "Aluga-se": "Nós não vamo pagá nada! É tudo 'free'!". E Milton Freedman: "There is no such thing as a free lunch". Até hoje, porém, há quem acredite em "governo grátis", aquele de gestão perdulária, fiscalmente descompromissada. O objetivo de Rabello de Castro, economista formado na escola de Chicago, é mostrar que está aí um equívoco de consequências dramáticas para o futuro de qualquer país. Enfim, algum preço haverá de ser pago pela escolha de uma "política do declínio" da economia, com perda contínua de sustentabilidade. É o agora do Brasil, a seu ver. O capítulo "Governo grátis em várias receitas" traz o (mau) exemplo de vários outros países, inclusive os EUA, enquanto a China faz "a longa marcha de retorno". Mas também há os que estão "dando a volta por cima". O último capítulo é alentador: fala de um Brasil eficiente que ainda se pode vislumbrar.



"A Arte de Pensar Claramente"
Rolf Dobelli. Tradução: Karina Janini. Editora: Objetiva. 210 págs., R\$ 29,90

É mais ou menos o seguinte: cada um pode ser senhor de seus próprios pensamentos e, por extensão, de suas decisões, racionalmente orientadas. Rolf Dobelli, escritor e empresário, passou, um dia, a listar seus erros de pensamento — desvios sistemáticos em relação à racionalidade, ao pensamento e ao comportamento ideais, lógicos e sensatos. Era apenas uma relação para uso pessoal, constituindo um conjunto de sinais de alerta que lhe permitiam reconhecer "armadilhas" do pensamento a tempo de evitar seus efeitos danosos — também por estar melhor preparado para se opor a influências de outras pessoas que agissem de modo pouco sensato. Veio daí a ideia de fazer palestras e, mais adiante, a de escrever este livro. Sem a pretensão de garantir que o leitor possa sempre se dar bem, evitando grandes perdas, mas para tornar possível que, pelo menos, não se machuque demais por culpa própria.



"Thomas Piketty e o Segredo dos Ricos"
Silvio Caccia Bava (org.). Editora: Veneta. 142 págs., R\$ 24,90

Falou em desigualdade/distribuição de renda, falou em Thomas Piketty e seu superbetter-seller "Capital in the Twenty-First Century". O próprio economista francês assina dois dos 12 artigos que compõem a coletânea de textos, reunidos neste livro, inspirados em sua obra. Dizem outros autores: "Um sistema que sabe produzir mas não sabe distribuir é tão funcional quanto a metade de uma roda" (Ladislau Dowbor). "É preciso que as gerações atuais recuperem um sentido de história que as gerações da Primeira e Segunda Guerra mundiais tiveram de conquistar pouco a pouco: o de que o futuro nunca mais será como antes, nem pode repor o agora." (Fábio Salem Daie).

"Longe de ser um acidente da história, essa situação resulta de uma escolha consciente do mundo político" (Frédéric Panier).



"Corrupção - Parceria Degenerativa"
Clóvis de Barros Filho e Sérgio Praça. Editora: Papirus 7 Mares. 111 págs., R\$ 34,90

A corrupção, como tratada pela imprensa, é uma simplificação da realidade, dizem os autores. Na verdade, a corrupção é multifacetada: "Um ato corrupto pode implicar várias 'corrupções', que passam despercebidas na leitura rápida dos jornais. As pessoas, mesmo assim, sentem-se indignadas, e falam na necessidade de "acabar com a corrupção". Isso não vai acontecer. O máximo que se pode alcançar é "definir suas diversas faces e efeitos". É o que os autores se propõem, embora saibam que "a corrupção cansa qualquer um que tenta entendê-la". O que se pode fazer, então, além de votar, na tentativa de expurgar a vida pública dos agentes de malfeitos? "Podemos aproveitar crises", momentos em que surgem "janelas" para a inclusão de propostas na agenda pública, e votar em quem possa abri-las.

Mais vendidos*

Livros de economia e negócios

1º	"De Volta ao Mosteiro" James C. Hunter, Sextante, R\$24,90	6º	"A Arte da Guerra - Os Treze Capítulos Originais" Sun Tzu, Jardim dos Livros, R\$34,90
2º	"O Poder do Hábito" Charles Duhigg, Objetiva, R\$39,90	7º	"Sonho Grande" Cristiane Correa, Primeira Pessoa, R\$39,90
3º	"A Arte de Fazer Acontecer" David Allen, Campus - RJ, R\$66,90	8º	"Pai Rico, Pai Pobre" Sharon L. Lechter / Robert T. Kiyosaki, Campus, R\$61,90
4º	"O Monge e o Executivo" James C. Hunter, Sextante, R\$24,90	9º	"Os Segredos da Mente Milionária" T. Harv Eker, Sextante, R\$24,90
5º	"#VQD - Vai Que Dá!" Joaquim Castanheira, Portofolio Penguim, R\$29,90	10º	"Desperte o Milionário que há em Você" Carlos Wizard Martins, Gente, R\$24,90

Fonte: Livraria Cultura, Saraiva e Submarino. Elaboração: Valor Data. * Entre 13/10/2014 à 19/10/2014. Obs: Preços sugeridos pelas editoras.

O matemático Cupido conta tudo

"Dataclism - Who We Are (When We Think No One's Looking)"
Christian Rudder. Editora: Crown. 304 págs., US\$ 16,80

Sarah Mishkin
Financial Times

Christian Rudder é um dos casamenteiros de sua geração. Co-fundador do site americano de namoros on-line OKCupid, esse matemático de 39 anos que estudou em Harvard conseguiu reunir uma quantidade enorme de informações sobre seus milhões de usuários. Uma garimpada nessas informações permitiu a ele encontrar coisas sobre essas pessoas de que elas mesmas podem não ter conhecimento.

Numa época em que os consumidores estão cada vez mais cautelosos com o rastreamento on-line, Rudder faz uma argumentação poderosa em "Dataclism", de que a capacidade de se conhecer tanta coisa a nosso respeito pelos rastros que deixamos é, ao mesmo tempo, potencialmente útil e potencialmente nociva, além de perturbadora. Ao explicar algumas das percepções que vem tendo com o OKCupid e outras redes sociais, ele

desmistifica a prospecção de dados e lança uma luz — para o bem ou para o mal — sobre o que ela é capaz de fazer.

Alguns dos "insights" de Rudder são perturbadores. Ele pode dizer, por exemplo, que, embora 84% dos usuários do OKCupid consultados em uma pesquisa tenham afirmado que o racismo é um obstáculo a qualquer relacionamento, os homens consideram as mulheres de sua própria raça mais atraentes e, com exceção dos homens negros, acham as mulheres negras pouco atraentes. No OKCupid, em que os usuários dão notas uns aos outros em um sistema que vai de uma a cinco estrelas, "ser negro basicamente custa a você cerca de três quartos de uma estrela em sua avaliação", escreve Rudder.

Rudder também é um investidor no Shiftgig, um site de busca de empregos para serviços temporários, e assim tem acesso aos seus dados, "as ações fragmentadas de milhões [de pessoas]". Esses números o ajudam a confirmar as teorias dos cientistas sociais sobre as vantagens que as pessoas atraentes têm. Quanto mais bonita a mulher, no perfil que leva ao Shiftgig, mais solici-

tações de entrevistas ela recebe, mesmo quando a pessoa que está procurando candidatos no site é também uma mulher. De volta ao OKCupid, talvez não seja nenhuma surpresa o fato de os homens de praticamente todas as idades preferirem mulheres na casa dos 20 e poucos anos.

Já é bem conhecido hoje que as agências de segurança do governo dos Estados Unidos usam secretamente o Facebook e o Google para rastrear indivíduos suspeitos de terrorismo. As colocações de Rudder sobre essa atividade acrescentam poucas novidades. Seus gráficos têm mais impacto na explicação de como nosso comportamento na internet cria novas maneiras de desenvolvedores de softwares, pesquisadores e anunciantes nos manipularem. Com os avanços contínuos na ciência dos dados, manter privadas informações a nosso respeito exigiria o abandono da vida on-line — algo difícil para a maioria das pessoas.

Pesquisadores da Universidade de Cambridge e da Microsoft Research descobriram, em um estudo de 2012, que, ao analisar "curtidas" voluntárias no Face-

book, podiam determinar com grande precisão a raça, o sexo e a filiação partidária das pessoas. E o mais surpreendente: podiam determinar com 60% de precisão se os pais de um usuário se divorciaram quando ele era criança. Esta é uma informação que os usuários do Facebook podem nem ter a ideia de que estão transmitindo.

Recentemente, o Facebook examinou as páginas iniciais de quase 1 milhão de usuários para ver como poderia influenciar o ânimo dessas pessoas, avaliado pelo número de palavras positivas e negativas postadas por eles. O próprio Rudder, pouco antes da publicação de seu livro, admitiu que o OKCupid às vezes dizia a dois usuários que eles combinavam um com o outro mais do que o indicado pelo algoritmo do site; descobriu que aqueles que eram enganados tinham uma probabilidade maior de iniciar longos bate-papos pela internet uns com os outros. Talvez seja um exemplo trivial, mas ilustra as implicações dos enormes bancos de dados privados para um mundo em que o conhecimento sempre representou poder.